

# na linha quebrada DA NOSSA ÉPOCA...

1

Dizia um jovem inteligente mas ainda pouco esclarecido, que a nossa geração não sentia certas agruras subjectivas, provenientes de estados sociais inadequados...

Ora tudo é constituído por contradições. E só aparece um progresso, quando as contradições se resolvem em sínteses de nível superior.

É o que está a dar-se no mundo da sensibilidade, que se tem transformado imenso nos últimos tempos. Essa síntese aparece à juventude, com a luz da história descoberta, como um sentimento profundo de camaradagem, que vai dos silêncios que falam e dos derrames de sangue que nos fazem premer os lábios e não soltar uma lágrima, até aqueles momentos culminantes em que selamos com a morte actos que proliferam rapidamente...

O sentimento de camaradagem, da nossa geração, não é pois uma espécie de *afastamento* do homem da sua linha humana, mas um *aparecimento* da parte mais fecunda da humanidade, na linha quebrada e progressiva da história.

2

Durante muito tempo, houve quem tivesse interesse em apresentar a actividade intelectual como desinteressada. E o sr. JULIEN BENDA é um dos representantes dessa velha opinião, que encimou todo um mundo e ainda se encontra muito entre nós. Para o verificar, basta perguntar ao estudante médio qual a importância para a humanidade dos manuais e das sebatas que tem de recitar. Basta inquirir do inte-

resse humano fecundo da imprensa e da maior parte da nossa vida intelectual. E concluir-se-á que há ainda quem tenha interesse em vender-nos actividade intelectual *sem interesse*, actividade a que os mais refinados e por isso também os mais responsáveis, chamam... *desinteressada*.

3

Quando jovens leitores dos jornais tiram certas conclusões de algumas notícias, há pessoas que mostram surpresa. Um por serem incapazes de descobrir a *significação* dos factos, outras porque utilizam a sua sagacidade torpedeando a verdade.

E há também quem pense que esses casos significativos só podem interpretar-se duma forma. Por exemplo: «SZIGANY, um dos mais conhecidos pintores húngaros, matou a tiros de revólver a esposa, a filha e uma neta, e desfechou em seguida um tiro na cabeça. A doença incurável que minava a esposa e a profunda miséria em que vivia parecem ter alterado a razão de SZIGANY». — HAVAS. (Do «Primeiro de Janeiro» de 1-1-938).

Ora analisando esta tragédia, não se chegará a uma conclusão mas a duas posições diametralmente antagónicas.

4

Encontramos há dias um doutor admirado por só agora ter notado a fecundidade da pedagogia experimental. Quem o ouvisse com candura esperaria do seu reconhecimento palavroso alguma acção modificadora. Nós limitamo-nos a sorrir, porque já sabemos o que podemos esperar daquele e doutros doutores...

Thomson, Buxton e Davies, as variações do índice nasal são notáveis, porquanto em climas cálidos e húmidos os narizes são mais largos, e mais estreitos em climas frios e secos. Deve fazer-se notar que o Instituto de Antropologia de Kiel está procedendo a uma espécie de censo étnico baseando-se na antropometria e sobretudo no índice craniano e no nasal.

Frick, então ministro do interior do Reich, dizia num discurso: «O estudo das raças deveria ser cultivado em todos os graus de ensino, com o fim de exercitar a mirada das crianças na discriminação das raças». (Voelkischer Beobachter, 10 de Maio de 1933) Em Michael (pág. 86) escrevia Goebbels: «Para mim o hebreu é objecto de repulsa física. Só de o ver sinto náuseas». Seria preciso um volume se quiséssemos citar esta fixação do tipo *antropológico* na Alemanha, que abrange não só os caracteres morfológicos externos mas também a constituição sanguínea. Nos artigos, discursos e canções dos hitleria-

nos, fala-se muito de «sangue ariano» ou de «sangue germânico» e exploram-se as investigações bio-antropológicas sobre diversas propriedades físico-químicas do sangue humano, falseando imprudentemente os resultados. As observações neste sentido deram resultados completamente desconcertantes em relação à individuação racial. Os exames serológicos nos australianos, a menos mesclada das raças actuais, provaram que nêles existem duas propriedades sanguíneas muito distintas. No 19.º Congresso Internacional de Medicina Legal e Social os Doutores Dujarric de la Ruviere e Kossovitch, baseando-se nos resultados de mais de 400.000 análises praticadas em mais de 400 povoações com autonomia política e social, demonstraram haver em todos os povos uma extraordinária mescla de sangues.

Resta, portanto, demonstrar que as propriedades do sangue estão ligadas mais à origem racial que às condições biológicas gerais e às condi-

ções particulares de cada um.

Também é invocado o odor humano como factor do tipo antropológico, mas esse factor tem igualmente muito pouca importância nas individuações raciais. Uma das secções do instituto alemão de estudos sobre as raças está-se ocupando tão activa como tendenciosamente do aspecto olfactivo das raças e publicaram-se memórias muito eruditas sobre tal argumento, obra de três teóricos do racismo: Günther, Fischberg e Ganning. Günther atribue o odor específico de cada raça em parte à herança, e em parte ao ambiente, mas não chega às extravagâncias de Fischberg, o qual assevera que os hebreus despedem um odor mais agudo e desagradável que o dos negros, e que se os árias podem suportar a vizinhança dos semitas é porque estes neutralizam o odor da sua pele com todo o género de perfumes e cosméticos. Ganning, como Herr Ellis, chega a aconselhar o matrimónio entre árias e hebreus, devido ao in-

suportável odor semita que destrói a harmonia conjugal.

O chistoso é que um especialista nestes estudos, o japonês Adaki, assegura que os seus compatriotas se sentem extremamente molestados com o cheiro dos brancos, os quais para o olfacto dos japoneses, mesmo dos especialistas em matéria de cheiros raciais, todos fedem por igual: quer sejam italianos ou escandinavos, hebreus ou alemães dolicocefalos e loiros.

Desta rápida vista de olhos ao estado actual da biologia das raças parece-me deduzir-se claramente que a raça não mais pode tomar-se como causa primária, como origem absoluta dos caracteres físicos e psíquicos que se anotam descrevendo um grupo humano, mas sim como conjunto enumerativo daqueles caracteres. A raça não pode interpretar-se como expressão duma simples lei, mas como resultado extremamente complexo de toda uma série de influências.

(Tradução de Cláudio Revel)

5

O «Janeiro» de 26-7-938 publicou uma entrevista de Paulo Braga com o prof. universitário Ferreira de Mira, sob o título «O professor e o povo». «Com a investigação científica, disse Ferreira de Mira, mesmo coroada de êxito, o professor não estende a sua acção benéfica para além do pessoal especializado nas matérias que ensina: mestres e alunos. A expansão maior só se realiza quando êle toma contacto, pela palavra e pela pena, com as multidões». Depois «o prof. Ferreira de Mira parece recordar toda uma actividade ao serviço da cultura do povo.»

«E creia, acrescentou, reparei imediatamente, ao realizar palestras de divulgação perante um público de cultura rudimentar, na sua atenção e na sua compreensão. Surpreendi-me. Vi que se estabelecia uma comunhão perfeita entre o mestre e os ouvintes. Compreendi depois que, para as palestras instrutivas, o público de pouco saber pode constituir o melhor público...»

Eis o depoimento duma pessoa com larga experiência e a quem a experiência afirma... que no «grande público há ansiedades de cultura...»

E pode por aqui vislumbrar-se o que nos dirão mais tarde os corações e as inteligências de alguns verdadeiros mestres...

Nós também somos professores, com a plasticidade de homens do nosso tempo, e reconhecemos a cada passo a que camada social pertencem os que tem verdadeira sede de se aperfeiçoar.